

Como o Brasil se tornou uma potência do agronegócio?



O sucesso do agronegócio brasileiro não foi construído do dia para a noite. No passado, o setor teve que se reinventar após perder uma série de "benefícios".

Desde então, os empreendedores do campo mostraram que o pilar do crescimento sustentável é o ganho de produtividade, e não a "ajuda" governamental.

Ajuda que atrapalhou

Até os anos 1980, o Brasil adotava uma política de intervenção massiva na agricultura: subsídios, proteção comercial e compras governamentais.

A ideia era ajudar. Mas, no fim, acabava atrapalhando.

Crise e mudança de rumo

Na década de 1980, o Brasil sofreu com a chamada "crise da dívida". Uma conjunção de fatores, como o aumento global nos preços do barril de petróleo e uma recessão internacional, agravaram o que já se estava se complicando: o acúmulo da dívida externa e o aumento da taxa de juros nos países industrializados.

Este cenário causou a estagnação do crescimento econômico brasileiro por uma década inteira, tanto que a década de 1980 ficou conhecida como a "década perdida".

A crise obrigou o governo brasileiro a rever os objetivos da política agrícola, não apenas para conter os custos aos cofres públicos, mas também para eliminar distorções.

Crédito rural

Entre 1986 e 1996, o crédito preferencial para a agricultura despencou, especialmente a parcela financiada pelo governo.

Com isso, novos instrumentos de financiamento privado foram criados.

Intervenção nos preços

Entre 1975 e 1984, a CONAB comprou de 20% a 45% dos grãos produzidos no país para impedir que os preços caíssem abaixo do desejado.

Essa política foi relaxada e, no final dos anos 90, as compras governamentais caíram para 5% do total.

Abertura comercial

As tarifas de importação foram reduzidas e as barreiras não tarifárias (cotas, proibições) eliminadas.

Isso não apenas expôs a agricultura à competição estrangeira, como permitiu a importação de equipamentos e insumos agrícolas de melhor qualidade.

Resultados

As rodadas de liberalização e abertura levaram a ganhos enormes de produtividade. A redução da intervenção estatal aumentou a concorrência e criou um ambiente propício ao empreendedorismo e à inovação.

Em apenas 30 anos, o valor total da produção agropecuária brasileira multiplicou por 3, tornando o Brasil uma liderança global no setor.

O modelo que deu certo na agricultura deve servir de inspiração para políticas públicas direcionadas a outros setores, como a indústria automobilística.

O que funciona:

Competição
Comércio
Empreendedorismo

O que não funciona:

Protecionismo
Subsídios
Intervenções

É preciso aprender com o que já fracassou e aproveitar o que deu certo. O exemplo de sucesso do agro deveria inspirar políticas públicas direcionadas a outros setores.

MARIADITA

JAGUARIÚNA

REGULARIZAÇÃO DE IMÓVEIS
URBANOS E RURAIS

• HABITE-SE (19) 99215-4852
• INSTITUIÇÃO DE CONDOMÍNIO (19) 99184-6967
• CAR - CCIR - INCRA

Dr. Caius Godoy (Dr. da Roça) agora aqui todas as semanas



Aos que ainda não me conhecem, meu nome é Caius Godoy, advogado e administrador de empresas com atuação exclusiva no agronegócio. De uma família de produtores rurais do interior de São Paulo, a querida Duartina, tento através do meu trabalho levar informações para dentro da porteira, sendo elas envolvendo o Direito, ou não. Hoje tenho escritório nas cidades de Campinas e Jaguariúna e com muito orgulho sou conhecido e chamado carinhosamente pelos meus amigos e clientes, como o Dr. da Roça. Espero que gostem da minha coluna semanalmente falando sobre o mundo agro e agradeço pela oportunidade do Grupo O Regional de comunicação.

E como sempre finalizo, tchaaau obrigado!!

Produtor rural, você sabia que pode ter direito à devolução do índice monetário do plano Collor Rural?



Todos os produtores rurais que contrataram operações de crédito rural junto ao Banco do Brasil antes do Plano Collor Rural (1990) poderão ter direito a receber restituição a título de diferença da correção monetária.

São tratados como expurgos inflacionários a falta de aplicação ou aplicação incorreta dos índices de correção monetária de valores depositados em bancos durante um determinado período. Há várias possíveis causas dos expurgos inflacionários, todavia, a mais comum é em decorrência de transição de um plano econômico.

Desde 1994, tramita uma ação civil pública que visa reconhecer expurgos inflacionários no Plano Collor referente ao índice aplicado nas operações de crédito rural no mês de março de 1990. Recentemente, o STJ, no EREsp 1.319.232/DF, decidiu que houve aplicação incorreta dos índices.

Sendo assim, restou decidido que deve ser aplicado a tais operações, no mês de março de 1990, que tinha como índice de correção monetária aquele fixado para os depósitos em caderneta de poupança, que, com advento do Plano Collor Rural (1990), mediante a lei 8024/90, foram fixados como sendo a variação da bônus do tesouro nacional fiscal (BTN-F), o índice de 41,28%.

Além disso, o valor a ser restituído deverá contemplar a incidência de juros de mora desde a citação do

Banco do Brasil na ação civil pública, ocorrida em 22 de julho de 1994.

Tem direito a pleitear a restituição dos valores os produtores rurais, pessoas físicas – mesmo que falecidas – ou jurídicas – ainda que já baixadas, que concretizaram a contratação de operações de crédito rural com o Banco do Brasil por meio de poupança, datadas de 01 de janeiro de 1985 a 31 de março de 1990, ainda que tenha ocorrido repactuações de encargos financeiros ou prorrogações de prazo neste período, cuja quitação total se concretizou após 31 de março de 1990.

Para o início da demanda judicial, é necessário algum indicio de que havia cédula rural na época, no entanto como são documentos antigos o documento poderá ser solicitado junto ao cartório de registro de imóveis em que foi registrada a cédula, caso assim esteja representada a operação, bem como solicitar ao Banco do Brasil a cédula ou outro documento que comprove a operação de crédito rural e os demais documentos, diretamente ao seu gerente ou, ainda, através de demanda extrajudicial e, em último caso, judicial.

Dr. Caius Godoy (Dr. Da Roça), Advogado e Presidente da Comissão de Agronegócios e Assuntos Agrários da OAB Jaguariúna.

e-mail: caius.godoy@adv.oabsp.org.br



AGRONOTÍCIA

Mauricio Picazo Galhardo

INFLUENZA AVIÁRIA

A produção agropecuária do Brasil está mais uma vez em estado de alerta. Desta vez o foco são aves, que estão em risco com a proximidade da influenza aviária, doença causada por subtipos de vírus altamente patogênicos. Trata-se de uma doença grave, causada por um vírus, e letal para o plantel. Por isso, é de notificação obrigatória e imediata aos órgãos oficiais nacionais e internacionais de controle de saúde animal.

PLANO SAFRA 2023/2024

O ministro da Agricultura e Pecuária, Carlos Fávaro, voltou a se reunir com o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, para tratar dos recursos que serão disponibilizados para o Plano Safra 2023/2024. Fávaro levou a proposta de um Plano Safra mais robusto do que o de 2022/2023, especialmente por causa das diferenças conjunturais entre aquele período e o atual.

FRENTE PARLAMENTAR DA AGROPECUÁRIA

O Plano Safra 2023/2024 foi um dos assuntos centrais da reunião ordinária da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), que teve como convidado o secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura (MAPA), Wilson Vaz. A bancada também debateu o Marco Temporal das terras indígenas, que pode ser votado ainda esta semana, e a reestruturação da Esplanada dos Ministérios que mexeu em importantes segmentos do setor agropecuário.

104 ANOS

A Sociedade Rural Brasileira (SRB) está completando 104 anos de história e dedica esta comemoração a todos os produtores rurais brasileiros, que trabalham arduamente, todos os dias, para garantir alimento, energia e fibras

para o Brasil e o mundo. A SRB foi fundada em maio de 1919, por iniciativa do agrimensor e industrial Eduardo da Fonseca Cotching, filho de um cientista inglês enviado ao Brasil pela rainha Vitória.

AGROBRASÍLIA

A Embrapa participa, mais uma vez, da AgroBrasília de 23 até 27 de Maio. Os visitantes da feira poderão obter no seu estande e em sua vitrine tecnológica informações sobre as novidades das pesquisas realizadas em diferentes unidades da Embrapa. Durante o evento foram apresentadas cultivares de soja, trigo, forrageiras, girassol, canola, hortaliças como cenoura, grão de bico, pimenta e batata doce, maracujás, mandioca, sistemas integrados, clones de cafés conilon, arroz, feijão, pequi com e sem espinho e pitayas, além de sistemas orgânicos de produção.

LEITE

O presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), João Martins, se reuniu, com a presidente da Frente Parlamentar em Apoio ao Produtor de Leite (FPPL), deputada Ana Paula Leão (PP-MG), para discutir uma agenda conjunta de iniciativas para promover o crescimento da pecuária leiteira no país. A ideia é dar andamento a uma série de ações, com o apoio de parlamentares e de instituições como o Sebrae.

AMÉRICA LATINA

O presidente em exercício, Geraldo Alckmin, defendeu a ampliação do comércio entre o Brasil e os países da América Latina, pois apenas 26% das transações são intrarregionais. "No mundo, embora globalizado, o comércio é tremendamente intrarregional", disse, no evento da Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base, em Brasília. Segundo ele, o comércio de Estados Unidos, Canadá e México é 50%

entre eles. Na União Europeia e na Ásia, esses números sobem para 60% e 70%.

AGRO PAULISTA+VERDE

O secretário de Agricultura e Abastecimento, Antonio Junqueira, apresentou a 36 prefeitos e representantes de 46 municípios o Programa Agro Paulista + Verde, que define as diretrizes e objetivos estratégicos do Governo de São Paulo, por meio da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, e contempla os programas governamentais, com recursos, indicadores e metas para cada área de atuação. O conteúdo apresentado inclui políticas públicas compatíveis com a importância do agronegócio paulista e prioriza o atendimento das demandas dos pequenos e médios produtores.

AQUICULTURA

O Sistema FAESP/SENAR-SP (Federação de Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo / Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) participa da 12ª Aquishow Brasil, evento que reúne a cadeia produtiva da aquicultura no Instituto da Pesca, em São José do Rio Preto/SP. O estande da FAESP na feira (número 87) será coordenado pelo Sindicato Rural de São José do Rio Preto, com degustação de aperitivos preparados por alunos do SENAR-SP no curso "Processamento caseiro de carne de peixes". (Com informações de assessorias)

Mauricio Picazo Galhardo é Jornalista
Email: mauricio.picazo.galhardo@gmail.com

AGRO CARTOON

PICAZO



O que esperar para o mercado do boi no segundo semestre?

Nos últimos meses, devido ao período de entressafra do capim, a cotação da arroba do boi gordo está em queda livre. Mas o que espera o segundo semestre?

O período de entressafra tem pressionado, a cada dia mais, a arroba do boi gordo. A fase de baixa do ciclo pecuário colabora para este cenário.

Maio se encerrou com a cotação da arroba do boi comum e do "boi China" em R\$ 245,00 e R\$ 250,00, respectivamente, queda de R\$ 22,00/@ e R\$ 20,00/@ em um mês.

Veja o comportamento dos preços do boi gordo (R\$/@), em São Paulo, na figura 1.

Figura 1. Cotação do boi gordo destinado aos mercados interno e externo ("boi China"), em R\$/@, preços brutos e a prazo, em São Paulo.

Exportação de carne bovina in natura

O fim do embargo começou a refletir nos dados oficiais da Secretaria do Comércio Exterior

(Secex).

Em maio, até a terceira semana, exportamos 113,82 mil toneladas, totalizando 8,13 mil toneladas diárias, média 17,4% maior que a de maio/22. Quanto ao preço pago por tonelada (US\$ 5,1 mil), este está 21,2% menor neste ano na mesma comparação.

No primeiro quadrimestre deste ano, exportamos 521,4 mil toneladas, volume 16,3% menor que o mesmo período do ano passado. A queda é reflexo do embargo à China, entre fevereiro e março, mas também pelo fato de que, entre janeiro e abril de 2022, a exportação totalizou volume recorde em todos esses meses quando comparados aos seus pares em anos anteriores.

Ao comparar o desempenho de 2023, com a média do que foi exportado no mesmo período dos últimos cinco anos (480,0 mil toneladas), exportamos 8,6% a mais atualmente. Em linha com a nossa visão de que os volumes de carne bovina in natura exportados na

temporada deverão ser elevados, mas, com preços menores pagos pelos compradores internacionais.

O que espera o mercado do boi gordo adiante?

No curto prazo (junho), as cotações devem manter tal froxidão, uma vez que ainda há uma boa oferta de gado gordo chegando ao mercado.

No segundo semestre, podemos ver a cotação do boi gordo reagindo. São quatro motivos principais:

1. O número de cabeças confinadas deve ser menor este ano, uma vez que, para o pecuarista, o preço que está sendo pago pela arroba não está atrativo e boa parte deles ainda possui um estoque de insumos alimentares, comprados anteriormente ao período de quedas que têm ocorrido nos últimos meses, diminuindo a possibilidade de boas margens.

2. A oferta de fêmeas gordas ao mercado, historicamente, cai no segundo semestre. A oferta é maior no primeiro semestre, pois

as fêmeas que não emprenharam, durante a estação de monta, são descartadas. Além disso, existe um maior movimento de descarte em busca de aliviar a pressão sob as pastagens durante a entrada das secas.

3. O movimento de compra da China é mais forte no segundo semestre, devido à necessidade de reposição de estoques para o feriado do início do ano (Ano Novo Lunar).

4. Além disso, sazonalmente, há maior demanda por carne bovina no mercado interno no segundo semestre. A população está em um momento de menor pressão de dívidas, há criação de empregos temporários, principalmente no comércio, e as comemorações das festas de final de ano.

Todos esses fatores podem favorecer a cotação no segundo semestre.

Entretanto, aumentos expressivos não devem acontecer, pois ainda estamos em uma fase de baixa do ciclo pecuário.

Metodologia mede emissão de metano por bovinos



O metano (CH₄) é considerado um dos gases mais nocivos para a sustentabilidade do planeta, já que contribui diretamente para o aumento do efeito estufa, responsável pela elevação das temperaturas. O gás metano é proveniente da decomposição de matérias orgânicas em pântanos e lagos, da extração de petróleo e também da atividade pecuária. Para mitigar os impactos da produção de carne neste contexto, diversos estudos buscam alternativas para o uso desse gás natural e também para a redução da emissão de metano pelo gado.

A Embrapa Pecuária Sul, por exemplo, desenvolveu uma metodologia que mensura a emissão de gás metano por reprodutores bovinos, com o objetivo de identificar os animais que geram menor emissão do gás para cada quilo de alimento consumido e por quilo de peso vivo produzido. A Prova de Emissão de Gases (PEG) tem sido aplicada em touros das raças Angus, Braford, Charolês e Hereford em ambiente de confinamento. Um equipamento medidor é acoplado ao animal durante cinco dias consecutivos para determinar a emissão de metano

entérico. Cada bovino é avaliado duas vezes e o resultado é expresso em gramas de metano emitidas por dia. A pesquisadora Cristina Genro explica que, durante o experimento, a dieta fornecida é composta por 75% de volumoso (silagem e feno) e 25% de concentrado, sendo distribuída 3 vezes ao dia, e o acesso é irrestrito à água e alimentação. "Os dados de consumo individual são coletados por meio de cochos eletrônicos, sendo que as informações de consumo e desempenho individual utilizadas serão as geradas na prova de eficiência alimentar, pois a alimentação e o manejo dos animais serão os mesmos nas duas provas", esclarece.

A PEG pode ser aplicada em qualquer raça bovina e atualmente está sendo utilizada por associações de criadores de Angus, Braford, Charolês e Hereford. As provas são realizadas nos reprodutores enviados para a Embrapa Pecuária Sul para teste de desempenho a campo (PAC) e prova de eficiência alimentar (PEA). "As associações podem optar se querem fazer a prova de emissão de gases (PEG), cujos custos são pagos pelas asso-

ciações de raças, com a anuência dos proprietários dos touros. Ela poderá auxiliar os produtores de touros das raças avaliadas a qualificar os animais com baixa emissão, tanto na venda dos reprodutores como na venda do sêmen destes animais", observa.

Benefícios financeiros e ambientais na redução da emissão de gás metano pelo gado

Segundo a pesquisadora, além de contribuir para melhorar ainda mais a qualificação dos animais testados, a metodologia auxilia nas estratégias para reduzir o impacto das emissões de gases de efeito estufa na cadeia de produção de carne bovina. "Animais mais eficientes produzem mais carne com custo menor para produtor e emitem menos metano, auxiliando o Brasil a atingir as metas assumidas em 2021, junto ao Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) para redução das emissões de GEE em 30%, em vários setores da economia. Além disso, a qualificação destes animais como mais eficientes no uso do alimento com menores emissões de metano pode servir para valorar os bovinos no momento da venda dos reprodutores ou do sêmen deles", ressalta.

Essa qualificação do animal ainda beneficia a valorização da pecuária brasileira no mercado nacional e internacional, sendo um fator de diferenciação conforme estes bovinos entrarem em produção e o Brasil tiver a implantação de programas de certificação de carne de baixa emissão de carbono. Cristina destaca que a eficiência da produção engloba uma série de medidas que precisam ser executadas pelas fazendas produtoras de carne, como redução da idade de abate e de entoure, redução do

intervalo entre os partos, uso do melhoramento genético animal no rebanho, nutrição adequada, sanidade e bem-estar animal.

Manejo de pastagens

O manejo de pastagens tem um importante papel na redução da emissão de gás metano pelo gado. Cristina afirma que o uso de forrageiras de boa qualidade, com maior digestibilidade, permite uma fermentação menor e o melhor aproveitamento do alimento, refletindo em menores emissões. "Manejar adequadamente os pastos é tarefa básica para o pecuarista que deseja garantir resultados produtivos satisfatórios, equilibrando a estabilidade de boas forrageiras e o bom desempenho animal. Forrageiras de alta qualidade e manejadas, obedecendo a fisiologia da planta, procurando sempre manter a quantidade ótima de folhas no pasto, garantem a fotossíntese e a quantidade de pasto suficiente para manter a lotação animal que está na área e com acúmulo de carbono nessas pastagens", acrescenta. Cristina ainda cita que a altura do pasto também é uma das ferramentas de manejo recomendadas, com controle da quantidade de animais por hectare.

Como o gado produz gás metano

De acordo com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o gás metano (CH₄) é emitido por causa da fermentação entérica que ocorre no processo digestivo dos bovinos. Um boi libera cerca de 60 quilos de metano por ano, sendo que a quase totalidade dos gases produzidos pelos animais são emitidos pela boca e pelas narinas, por eructação.

Maximizando a produtividade da pastagem: sistema barreirão

Conheça o barreirão, sistema que visa a integração de recursos em busca de maximizar eficiência e produtividade dentro da propriedade agrícola.

Um dos sistemas de Integração Lavoura-Pecuária mais utilizados pelos produtores, e também reconhecido, é o sistema barreirão. Utilizado há mais de 30 anos, é uma prática agrícola que visa a recuperação e renovação de pastagens por meio do emprego de culturas anuais cultivadas ao mesmo momento da semeadura da forragem.

O sistema faz parte do cotidiano de diversos produtores e, da mesma forma que outros sistemas, como o Santa Fé, busca, ainda mais, a maximização do uso de áreas.

Neste sistema, culturas como arroz, milho, sorgo, milheto, forrageiras leguminosas, soja, trigo e algodão já foram descritas na literatura sendo utilizadas em consórcio com as principais gramíneas forrageiras, como as espécies de Urochloa.

A rotação de culturas é o cerne principal do sistema, que equilibra necessidades nutricionais, tanto para o solo quanto para a planta, trazendo benefícios também para o manejo integrado de pragas e doenças, ao quebrar o ciclo de pragas e proporcionar um ambiente propício para o desenvolvimento de inimigos naturais, o que gera uma diminuição na aplicação de defensivos agrícolas.

Além dos benefícios culturais, há também o econômico, visto que uma área antes dedicada apenas para pastagens agora terá a produção de grãos, ou fibras, que podem sustentar a produção pecuária, tanto pela sua comercialização direta quanto para uso na alimentação suplementar dos bovinos.

Sua utilização busca um manejo adequado da água no solo, já que garante a cobertura do solo pelo consórcio de plantas, mantendo temperatura e umidade e também auxiliando no desenvolvimento da microbiota do solo, que pode beneficiar leguminosas, como a soja, para a Fixação Biológica de Nitrogênio (FBN).

O que é necessário para iniciar uma Integração Lavoura-Pecuária no sistema barreirão?

O sucesso do sistema barreirão dependerá de três fatores principais: o conhecimento das culturas a serem rotacionadas e integradas, a avaliação da área e das práticas necessárias para semeadura e a aquisição de materiais propagativos de boa qualidade.

A premissa inicial é de desenvolvimento de uma cultura anual, junto da semeadura da gramínea. Assim, na reforma da pastagem, em sua implantação ou em áreas de recuperação, o produtor também semeará uma cultura anual com retorno econômico



(milho, algodão, arroz, soja, trigo, entre outras).

Para garantir um bom início de implementação do sistema e da pastagem, claramente, o processo necessita de uma boa avaliação sobre a capacidade produtiva (fertilidade) da área e se serão necessários processos de gradagem, subsolagem, entre outros, devido à compactação, com base na avaliação de um engenheiro agrônomo ou outro técnico especializado.

Isso vale também para questões de correção do solo e adubação, sendo a análise recorrente do solo essencial para o projeto.

Outro ponto de atenção é o surgimento de plantas invasoras.

Em um sistema onde duas espécies ou mais de interesse econômico esta-

rão na área, uma nova espécie indesejada traria uma maior competição por luz, nutrientes e água, desequilibrando o desenvolvimento das culturas.

É fundamental, ao sistema barreirão, buscar um material propagativo de boa qualidade, com alta pureza de sementes, seja de capim, soja, milho etc., e boas taxas de germinação, para garantir que apenas o que é desejado estará na área, tanto para a forrageira quanto para a cultura anual.

Por fim, a sustentabilidade econômica e ambiental é atingida quando os conhecimentos para a utilização de sistemas de Integração Lavoura-Pecuária são bem empregados. Cada vez mais, diversas culturas econômicas são implantadas dentro de uma mesma área, trazendo benefícios produtivos.

MUNDO PET

Veja 4 mitos sobre pulgas e carrapatos



Quem aqui nunca ouviu que pets das áreas urbanas não precisam de prevenção contra pulgas? Ou que as pulgas não sobrevivem em época de frio?

Essas duas afirmações estão erradas e vamos te mostrar o porquê e mais alguns outros mitos muito comuns. Confere:

Mito 1: Pulgas e carrapatos só aparecem no verão

A temporada de pulgas e carrapatos existe? Sim, mas isso não significa que os bichinhos estejam seguros o resto do ano.

As pulgas amam as condições quentes e úmidas, então os meses mais quentes são geralmente considerados a "estação das pulgas". Porém os parasitas podem sobreviver e se reproduzir ao ar livre durante todo o ano em muitos climas, independentemente da época do ano.

Mito 2: Apenas algumas pulgas não são um problema

Se o seu gato ou cachorro tiver com duas ou três pulgas ou carrapatos, você tem um problema. Pense nesses poucos parasitas como batedores, eles são um aviso

de que tem muito mais por vir.

Mito 3: Pulgas e carrapatos não picam as pessoas

Embora as pulgas e os carrapatos prefiram gatos, cães e outros mamíferos com pelo, eles definitivamente picam as pessoas. Em casas com infestação de pulgas, as pessoas podem desenvolver picadas com coceira, principalmente nas pernas. Em qualquer caso de infestação é necessário tratar também a sua casa.

Mito 4: Pulgas e carrapatos não se proliferam tanto em zona urbana

Pulgas e carrapatos estão por toda parte, até na selva de concreto. As pulgas são parasitas de oportunidades e se instalam em qualquer lugar. Os carrapatos, por outro lado, preferem grama alta. Portanto, se o seu cão roçar nas plantas durante uma caminhada pela cidade, ele facilmente poderá pegar um carrapato.

A prevenção contra os parasitas é essencial em qualquer época do ano e em qualquer ambiente. Você tutor precisa se atentar aos principais métodos de proteção do seu pet, com antipulgas e carrapatos.

Saiba as 10 raças de cães que não latem muito

Cada cachorrinho possui características próprias e hábitos únicos, porém é fato que podem possuir características comuns à sua raça. O motivo dessas similaridades de comportamentos dentro das raças de cães é a herança genética.

Entretanto, dentro do desenvolvimento das raças é possível ver que alguns cães foram criados com características físicas ou comportamentais específicas, como por exemplo latir menos.

Os cães latem por vários motivos, mas principalmente é uma forma de comunicação mais direta entre eles e também uma maneira de se comunicar com os humanos. Porém como podemos não entender especificamente o que significa um latido, precisamos observar sua linguagem corporal e outros sinais.

Quando adotamos um cachorro que não late muito, precisamos prestar ainda mais atenção aos outros sinais de comunicação. Além disso, só porque um cachorro não late muito, não significa que ele não fará outras vocalizações. Isso é algo que você pode ver com algumas dessas raças de cães que latem menos:

1. Basenji

Conhecida como uma das raças mais antigas do mundo, é originária da África e é particularmente conhecida por latir o mínimo. Embora nossa lista não seja classificada do mais baixo para o mais barulhento, o Basenji se encaixa perfeitamente no primeiro lugar como o cachorro que late menos.

Apesar de não soltarem muitos latidos, isso não quer dizer que não façam barulho. Em vez de latir, eles emitem um som semelhante a um yodel (Iodelei) que não se parece em nada com o latido tradicional. Alguns pensam que até soa um pouco como uma risada. Isso se deve à sua constituição física, já que sua laringe tem formato diferente, resultando em uma vocalização única.

Essas características não torna o Basenji um cão pacato, muito pelo contrário, são muito ativos e precisam de muito exercício. Eles também precisam de reforço positivo e bastante estimulação cognitiva para ter uma vida feliz e saudável.

2. Bloodhound (Cão-de-santo-humberto)

O Bloodhound também possui

uma personalidade calma e por isso não latem excessivamente. Usam os latidos para sinalizar necessidades e perigos. São conhecidos por serem tranquilos e ótimos companheiros para as famílias.

No entanto, só porque são cães que não latem muito, não significa que sejam inativos. Bloodhounds são conhecidos por suas habilidades superiores de rastreamento que podem torná-los muito tenazes e, às vezes, obstinados.

3. Terra Nova

O Terra Nova é um cão de grande sensibilidade, silencioso, muito amoroso e dócil, tanto que é considerada uma das melhores para crianças. Mesmo que uma criança pequena puxe o rabo do cachorro, dificilmente ele latirá ou reagirá negativamente.

Além dessas características, os cachorros Terra Nova gostam de aproveitar a água e tem sido amplamente usado como cães de resgate.

4. Akita Inu

O Akita Inu é um cão brincalhão, muitas vezes travesso, demandam muita atenção e podem ser difíceis para algumas pessoas. No entanto, eles geralmente não se expressam latindo, pelo menos não excessivamente. Dizem que quando um Akita late é porque eles têm uma razão importante para fazê-lo.

Os cães dessa raça podem se tornar territoriais e reservados com estranhos, então, se alguém se aproximar de sua propriedade, eles podem latir. Com a família e quando estão felizes, costuma não ser assim.

5. Rottweiler

Se você já viu alguns filmes de ação dos anos 80, é provável que tenha testemunhado uma cena com um rottweiler latindo em algum depósito abandonado. Esses filmes alimentam a reputação de serem agressivos e de temperamento explosivo, ou seja, são cães perigosos. No entanto, a natureza dos Rottweilers está longe de ser essa, eles são realmente uma das raças mais amorosas e leais que você pode encontrar.

Lealdade é o motivo pelo qual um rottweiler pode latir, especialmente se ele foi treinado para isso. Eles são muito protetores com sua

família e têm sido usados como cães de guarda para alertar sobre intrusos. No entanto, quando estão com a família, não costumam latir para se expressar de outra forma.

6. Labrador Retriever

Além de ser um cão muito carinhoso, o Labrador Retriever é conhecido por não latir excessivamente, ser brincalhão e muito ativo. Embora sejam considerados quase a figura real do melhor amigo do homem, o Labrador precisa de socialização e educação adequadas, como qualquer outra raça. Caso não possuam o reforço correto, podem se tornar destrutivos. Por essa razão é necessário que tenham bastante atenção, amor e educação.

7. Pastor australiano

O pastor australiano é um cão extremamente ativo, na verdade poderíamos dizer que suas principais características são o entusiasmo, a vitalidade e a energia. Mas essas características não trazem o hábito de latir muito.

Muitas pessoas confundem o pastor australiano com o Border Collie, principalmente por terem muito em comum, como a necessidade de treinamento. Enquanto todos os cães precisam de educação, alguns precisam de treinamento mais do que outros para direcionar sua energia de forma adequada. O pastor australiano é uma dessas raças de cães. Embora sejam conhecidos por não latirem muito, eles o farão se não receberem estímulo suficiente.

8. Dogue Alemão

Acaba sendo uma boa característica que o Dogue Alemão seja uma raça de cachorro que não late muito, pois se o fizesse, nunca teríamos paz. Afinal se um cachorro de porte tão grande latisse o tempo todo, não conseguiríamos ouvir nosso pensamento.

O Dogue Alemão é um cão geralmente calmo e relaxado que pode ser um excelente cachorro para a família. Eles precisarão de bastante estímulo e oportunidades para se exercitar. Apesar de seu tamanho, eles são na verdade um animal que pode viver bem em um apartamento. Desde que tenham espaço para descansar confortavelmente e bastante acesso ao exterior quando precisarem.

9. Pug

Podemos afirmar que o Pug é um dos cães mais silenciosos que existe. Por serem braquicefálicos, apresentam dificuldade para respirar. Seu palato encurtado significa que não conseguem inalar bem o ar, resultando em muitos grunhidos e ruídos de respiração. No entanto, isso não significa que eles estão propensos a latir.

Embora possam ser indisciplinados, eles são amorosos e geralmente dóceis. É por isso que eles se tornaram os cães favoritos para muitas famílias, é fácil se apaixonar por eles.

10. Bulldog

Quer sejam do tipo Bulldog Francês, Inglês ou Americano, todos são considerados cães que não latem muito. Bulldogs geralmente não precisam de tanto exercício quanto outras raças de cães e vivem em um estado de paz e tranquilidade. São perfeitos para pessoas que não têm tempo para fazer exercício, mas querem ter um cão carinhoso ao seu lado.

Outras raças de cães que não latem muito

Além das raças citadas anteriormente, existem outras que são conhecidas por não latirem muito, como por exemplo:

- Galgo Inglês;
- Shar-pei;
- Galgo afegão;
- Cavalier King Charles Spaniel;
- Boiadeiro de Berna (Bernese Mountain Dog);
- Deerhound escocês;
- Rhodesian Ridgeback;
- Coton de Tulear;
- Whippet;
- Terrier escocês;
- Shiba Inu;
- Setter irlandês;
- Saluki.

É importante notar que, independentemente da raça, um cão que late muito provavelmente se deve a um problema. Embora possa parecer que seu cão não está latindo para nada, há uma razão por trás desse comportamento. Eles podem estar estressados, sofrendo de ansiedade de separação ou até mesmo ter um problema de saúde, então o indicado é a consulta ao veterinário.